



Newsletters Fecomércio-RN 13/10/2020 09:01

**Agora RN | Rio Grande do Norte**

ASSUNTOS DE INTERESSE - ECONOMIA, FECOMÉRCIO-RN - Confederação Nacional do Comércio /  
**NÚMERO DE CALOTES**

Noticias - 12/10/2020

4

**Tribuna do Norte | Rio Grande do Norte**

ASSUNTOS DE INTERESSE - ECONOMIA, FECOMÉRCIO-RN - Confederação Nacional do Comércio /  
**Apesar da crise causada pela pandemia, inadimplência registra queda no País**

Noticias - 12/10/2020

6

**Agora RN - Natal | Rio Grande do Norte**

ASSUNTOS DE INTERESSE - ECONOMIA, FECOMÉRCIO-RN - Confederação Nacional do Comércio /  
**Apesar da crise causada pela pandemia, inadimplência registra queda no País**

Noticias - 12/10/2020

8

**Blog da Gláucia Lima | Rio Grande do Norte**

FECOMÉRCIO-RN - FECOMÉRCIO RN, FECOMÉRCIO-RN - SENAC RN /

**CDL divulga ganhadores do Liquida Natal 2020**

Noticias - 12/10/2020

10

**Blog do BG | Rio Grande do Norte**

ASSUNTOS DE INTERESSE - ECONOMIA, FECOMÉRCIO-RN - Confederação Nacional do Comércio /  
**Apesar da crise causada pela pandemia, inadimplência registra queda no País**

Noticias - 12/10/2020

11

# NÚMERO DE CALOTES



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

Em julho, número de empresas consumidores e empresas no Pacrisecom dívidas em atraso recuou 63,5 milhões de brasileiros estavam quanto 2,5 milhões renegociaram as inadimplentes, segundo pesquisa da Serasa Experian, especialistas alertam, porém, que o calote pode voltar com fim de ano. São 2,5 milhões de pessoas a meauxílio emergencial e socorro a em- nos em relação a abril, quando o País presários parou por causa da covid-19. TamA crise econômica provocada pe- bém o número de empresas com díla Covid-19 no País elevou o desem- vidas em atraso recuou em julho para prego a níveis recordes e provocou o o menor nível do ano: 5,8 milhões. É fechamento de um sem-número de exatamente a mesma quantidade de empresas. Mas, ao contrário do que companhias inadimplentes registrase poderia esperar, os níveis de ina- da em julho do ano passado. dimplência, sejam de pessoas físicas Outro termômetro do calote é a ou jurídicas, recuaram. quantidade de empresas que pediram Segundo especialistas, esse qua- recuperação judicial. Isto é, que recodro surpreendente é resultado direto nhecaram a incapacidade financeira do auxílio emergencial, dos

progra- de pagar as dívidas em dia e solicitamos de socorro às pequenas e micro- ram à Justiça condições especiais. Os empresas e também da taxa de **juros** dados, coletados em todos os cartóno piso histórico, o que permitiu um rios do País, mostram que neste ano, forte movimento de renegociação até agosto, 868 empresas procuraram de dívidas por parte dos bancos. No esse caminho, um número 7,3% meauge da pandemia, as instituições nor que o registrado no mesmo pefinanceiras também permitiram o ríodo de 2019. Para os oito primeiros adiamento dos pagamentos por 60 meses do ano, o número de processos dias. em 2020 foi o menor desde 2015. Pelo A grande dúvida é como o calote ritmo atual, a perspectiva é que 2020 vai se comportar quando todos esses termine com 1,3 mil pedidos. socorros acabarem e a **economia** tiRabi diz que o risco de o calote ver de voltar a andar com as próprias voltar a subir está ligado, num pripernas. O temor é que haja uma ex- meiro momento, aos consumidores, plosão da inadimplência no início do e depois às empresas. 'Os brasileiros ano que vem. que perderam renda estão pendura'A queda da inadimplência é algo dos hoje no auxílio emergencial, que inédito', afirma o economista Luiz tem data e hora para acabar (no fim Rabi, da Serasa Experian, empresa de dezembro). ' Se até o fim do ano o que monitora a situação financeira de quadro for ainda ruim para o emprego, a inadimplência da pessoa física pode subir e resvalar na pessoa jurídica, que não vai receber os créditos em dia. 'A inadimplência está represada, não está extinta', alerta Rabi. Fabio Bentes, economista-chefe da **Confederação Nacional do Comércio** de Bens, Serviços e Turismo (**CNC**), considera que os bancos estão empurrando o problema da inadimplência com a 'barriga'. Deram uma carência, por isso, o indicador não está saindo do lugar.' lias já no fim deste ano. Bentes, da **CNC**, lembra que o auxílio emergencial de R\$ 600 foi reduzido pela metade a partir de setembro. Ele questiona se, após o fim dessas medidas, a **economia** terá capacidade de voltar a crescer por conta própria para fazer frente à inadimplência, uma vez que o investimento não foi retomado.

'COM O AUXÍLIO, PAGO AS DESPESAS, MAS NÃO SOBRA NADA'

A catadora de artigos para reciclagem Gisele Santos da Silva, de 34 anos, casada e mãe de duas filhas, estava inadimplente desde 2012. Na época, trabalhava como auxiliar de limpeza, foi demitida e a empresa, segundo ela, não pagou a rescisão. Resultado: ficou sem renda para quitar a fatura do cartão de crédito e a dívida, como acontece nesses casos, virou uma bola de neve. Em agosto, com **juros** e multa, a dívida estava em cerca de R\$ 700. Mas a catadora conseguiu quitar a pendência e deixar a lista de devedores, desembolsando R\$ 143. 'Foi fácil até demais negociar desta vez, não esperava esse descontão'. Como catadora, Gisele tira entre R\$ 300 e R\$ 350 por semana, mas a renda é incerta. Ela está recebendo o auxílio emergencial, que até agosto era de R\$ 600 e foi reduzido à metade a partir de setembro. 'Com o auxílio, estou pagando as despesas, não sobra nada, ainda mais agora com tudo aumentando'.

**Assuntos e Palavras-Chave:** ASSUNTOS DE INTERESSE - ECONOMIA, FECOMÉRCIO-RN - Confederação Nacional do Comércio

## Apesar da crise causada pela pandemia, inadimplência registra queda no País



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

A crise econômica provocada pela covid-19 no País elevou o desemprego a níveis recordes e provocou o fechamento de um sem-número de empresas. Mas, ao contrário do que se poderia esperar, os níveis de inadimplência, sejam de pessoas físicas ou jurídicas, recuaram.

Créditos: Marcello Casal Jr/ABR

Segundo especialistas, esse quadro surpreendente é resultado direto do auxílio emergencial, dos programas de socorro às pequenas e microempresas e também da taxa de **juros** no piso histórico, o que permitiu um forte movimento de renegociação de dívidas por parte dos bancos. No auge da pandemia, as instituições financeiras também permitiram o adiamento dos pagamentos por 60 dias.

A grande dúvida é como o calote vai se comportar quando todos esses socorros acabarem e a **economia** tiver de voltar a andar com as próprias pernas. O temor é que haja uma explosão da inadimplência no início do

ano que vem.

"A queda da inadimplência é algo inédito", afirma o economista Luiz Rabi, da Serasa Experian, empresa que monitora a situação financeira de consumidores e empresas no País. Em julho, último dado disponível, 63,5 milhões de brasileiros estavam inadimplentes, segundo pesquisa da Serasa. São 2,5 milhões de pessoas a menos em relação a abril, quando o País parou por causa da covid-19. Também o número de empresas com dívidas em atraso recuou em julho para o menor nível do ano: 5,8 milhões. É exatamente a mesma quantidade de companhias inadimplentes registrada em julho do ano passado.

Outro termômetro do calote é a quantidade de empresas que pediram recuperação judicial. Isto é, que reconheceram a incapacidade financeira de pagar as dívidas em dia e solicitaram à Justiça condições especiais. Os dados, coletados em todos os cartórios do País, mostram que neste ano, até agosto, 868 empresas procuraram esse caminho, um número 7,3% menor que o registrado no mesmo período de 2019. Para os oito primeiros meses do ano, o número de processos em 2020 foi o menor desde 2015. Pelo ritmo atual, a perspectiva é que 2020 termine com 1,3 mil pedidos. Em 2019, sem pandemia, foram 1.387

Rabi diz que o risco de o calote voltar a subir está ligado, num primeiro momento, aos consumidores, e depois às empresas. "Os brasileiros que perderam renda estão pendurados hoje no auxílio emergencial, que tem data e hora para acabar (no fim de dezembro)." Se até o fim do ano o quadro for ainda ruim para o emprego, a inadimplência da pessoa física pode subir e resvalar na pessoa jurídica, que não vai receber os créditos em dia. "A inadimplência está represada, não está extinta", alerta Rabi.

Fabio Bentes, economista-chefe da **Confederação Nacional do Comércio** de Bens, Serviços e Turismo

(**CNC**), considera que os bancos estão empurrando o problema da inadimplência com a "barriga". Deram uma carência, por isso, o indicador não está saindo do lugar."

#### Bancos

Do início da crise até agosto, os bancos postergaram R\$ 110,5 bilhões em dívidas, em um total de 14,2 milhões de contratos, segundo a Federação Brasileira de Bancos (Febraban). Desse total a maior parcela de beneficiados é de pequenas empresas e pessoas físicas, um volume de R\$ 62,2 bilhões. Neste mês, vence a primeira rodada das carências concedidas, que pode vir acompanhada de aumento da inadimplência, num cenário de desemprego elevado.

A preocupação dos bancos com risco de calote está estampada nos balanços. No segundo trimestre, Bradesco, Itaú Unibanco, Banco do Brasil e Caixa elevaram o gasto com provisões para devedores duvidosos em mais de R\$ 14 bilhões, totalizando R\$ 193,6 bilhões.

Simone Pasionotto, economista-chefe da Reag Investimentos, aposta em pico da inadimplência das famílias já no fim deste ano. Bentes, da **CNC**, lembra que o auxílio emergencial de R\$ 600 foi reduzido pela metade a partir de setembro. Ele questiona se, após o fim dessas medidas, a **economia** terá capacidade de voltar a crescer por conta própria para fazer frente à inadimplência, uma vez que o investimento não foi retomado.

#### Sem sobras

A catadora de artigos para reciclagem Gisele Santos da Silva, de 34 anos, casada e mãe de duas filhas, estava inadimplente desde 2012. Na época, trabalhava como auxiliar de limpeza, foi demitida e a empresa, segundo ela, não pagou a rescisão. Resultado: ficou sem renda para quitar a fatura do cartão de crédito e a dívida, como acontece nesses casos, virou uma bola de neve.

Em agosto, com **juros** e multa, a dívida estava em cerca de R\$ 700. Mas a catadora conseguiu quitar a

pendência e deixar a lista de devedores, desembolsando R\$ 143. "Foi fácil até demais negociar desta vez, não esperava esse descontão."

Como catadora, Gisele tira entre R\$ 300 e R\$ 350 por semana, mas a renda é incerta. Ela está recebendo o auxílio emergencial, que até agosto era de R\$ 600 e foi reduzido à metade a partir de setembro. "Com o auxílio, estou pagando as despesas, não sobra nada, ainda mais agora com tudo aumentando." As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

#### Estadão Conteúdo

**Assuntos e Palavras-Chave:** ASSUNTOS DE INTERESSE - ECONOMIA, FECOMÉRCIO-RN - Confederação Nacional do Comércio

## Apesar da crise causada pela pandemia, inadimplência registra queda no País



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

A crise econômica provocada pela Covid-19 no País elevou o desemprego a níveis recordes e provocou o fechamento de um sem-número de empresas. Mas, ao contrário do que se poderia esperar, os níveis de inadimplência, sejam de pessoas físicas ou jurídicas, recuaram.

Segundo especialistas, esse quadro surpreendente é resultado direto do auxílio emergencial, dos programas de socorro às pequenas e microempresas e também da taxa de **juros** no piso histórico, o que permitiu um forte movimento de renegociação de dívidas por parte dos bancos. No auge da pandemia, as instituições financeiras também permitiram o adiamento dos pagamentos por 60 dias.

A grande dúvida é como o calote vai se comportar quando todos esses socorros acabarem e a **economia** tiver de voltar a andar com as próprias pernas. O temor é que haja uma explosão da inadimplência no início do ano que vem.

### Inadimplência

'A queda da inadimplência é algo inédito', afirma o economista Luiz Rabi, da Serasa Experian, empresa que monitora a situação financeira de consumidores e empresas no País. Em julho, último dado disponível, 63,5 milhões de brasileiros estavam inadimplentes, segundo pesquisa da Serasa.

São 2,5 milhões de pessoas a menos em relação a abril, quando o País parou por causa da covid-19. Também o número de empresas com dívidas em atraso recuou em julho para o menor nível do ano: 5,8 milhões. É exatamente a mesma quantidade de companhias inadimplentes registrada em julho do ano passado.

Outro termômetro do calote é a quantidade de empresas que pediram recuperação judicial. Isto é, que reconheceram a incapacidade financeira de pagar as dívidas em dia e solicitaram à Justiça condições especiais. Os dados, coletados em todos os cartórios do País, mostram que neste ano, até agosto, 868 empresas procuraram esse caminho, um número 7,3% menor que o registrado no mesmo período de 2019. Para os oito primeiros meses do ano, o número de processos em 2020 foi o menor desde 2015. Pelo ritmo atual, a perspectiva é que 2020 termine com 1,3 mil pedidos.

Rabi diz que o risco de o calote voltar a subir está ligado, num primeiro momento, aos consumidores, e depois às empresas. 'Os brasileiros que perderam renda estão pendurados hoje no auxílio emergencial, que tem data e hora para acabar (no fim de dezembro)'. Se até o fim do ano o quadro for ainda ruim para o emprego, a inadimplência da pessoa física pode subir e resvalar na pessoa jurídica, que não vai receber os créditos em dia. 'A inadimplência está represada, não está extinta', alerta Rabi.

Fabio Bentes, economista-chefe da **Confederação**

**Nacional do Comércio** de Bens, Serviços e Turismo (**CNC**), considera que os bancos estão empurrando o problema da inadimplência com a 'barriga'. Deram uma carência, por isso, o indicador não está saindo do lugar.'

#### Bancos

Do início da crise até agosto, os bancos postergaram R\$ 110,5 bilhões em dívidas, em um total de 14,2 milhões de contratos, segundo a Federação Brasileira de Bancos (Febraban). Desse total, a maior parcela de beneficiados é de pequenas empresas e pessoas físicas, um volume de R\$ 62,2 bilhões. Neste mês, vence a primeira rodada das carências concedidas, que pode vir acompanhada de aumento da inadimplência, num cenário de desemprego elevado.

A preocupação dos bancos com risco de calote está estampada nos balanços. No segundo trimestre, Bradesco, Itaú Unibanco, Banco do Brasil e Caixa elevaram o gasto com provisões para devedores duvidosos em mais de R\$ 14 bilhões, totalizando R\$ 193,6 bilhões.

Simone Pasianotto, economista-chefe da Reag Investimentos, aposta em pico da inadimplência das famílias já no fim deste ano. Bentes, da **CNC**, lembra que o auxílio emergencial de R\$ 600 foi reduzido pela metade a partir de setembro. Ele questiona se, após o fim dessas medidas, a **economia** terá capacidade de voltar a crescer por conta própria para fazer frente à inadimplência, uma vez que o investimento não foi retomado.

'Com o auxílio, pago as despesas, mas não sobra nada'

A catadora de artigos para reciclagem Gisele Santos da Silva, de 34 anos, casada e mãe de duas filhas, estava inadimplente desde 2012. Na época, trabalhava como auxiliar de limpeza, foi demitida e a empresa, segundo ela, não pagou a rescisão. Resultado: ficou sem renda para quitar a fatura do cartão de crédito e a dívida, como acontece nesses casos, virou uma bola de neve.

Em agosto, com **juros** e multa, a dívida estava em

cerca de R\$ 700. Mas a catadora conseguiu quitar a pendência e deixar a lista de devedores, desembolsando R\$ 143. 'Foi fácil até demais negociar desta vez, não esperava esse desconto'.

Como catadora, Gisele tira entre R\$ 300 e R\$ 350 por semana, mas a renda é incerta. Ela está recebendo o auxílio emergencial, que até agosto era de R\$ 600 e foi reduzido à metade a partir de setembro. 'Com o auxílio, estou pagando as despesas, não sobra nada, ainda mais agora com tudo aumentando'.

**Assuntos e Palavras-Chave:** ASSUNTOS DE INTERESSE - ECONOMIA, FECOMÉRCIO-RN - Confederação Nacional do Comércio

## CDL divulga ganhadores do Liquida Natal 2020



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

Autor: glaucialima

A Câmara de Dirigentes Lojistas de Natal (CDL Natal) realizou o sorteio dos prêmios da Liquida Natal 2020. Ao todo, seis participantes consumidores foram contemplados com as premiações. O sorteio aconteceu no sábado (10). A liquidiação, que ocorre anualmente na capital potiguar, aconteceu entre os dias 25 de setembro e 4 de outubro deste ano.

Em 2020, a promoção passou por algumas mudanças devido à pandemia da covid-19. As vendas aconteceram em lojas físicas e online. As trocas dos cupons foram realizadas apenas de modo virtual pelo site [liquidanatal2020.com.br](http://liquidanatal2020.com.br) e pelo aplicativo Nota Potiguar, tudo para evitar aglomerações. A cada R\$ 40 em compras o consumidor ganhava um cupom para concorrer aos prêmios. Se pagasse na maquineta da Rede ou Pop Credicard ganhava cupom em dobro, e se pagasse com Mastercard na maquineta da Rede, ganhava cupom em triplo.

A Liquida Natal contou com o patrocínio da Rede e Pop Credicard. Apoio do Governo do Estado, Prefeitura de

Natal, Fecomércio RN por meio do **Senac**, Sebrae RN, Banco do Nordeste e Mastercard.

Veja a lista de ganhadores:

O post CDL divulga ganhadores do Liquida Natal 2020 apareceu primeiro em Gláucia Lima.

**Assuntos e Palavras-Chave:** FECOMÉRCIO-RN - FECOMÉRCIO RN, FECOMÉRCIO-RN - SENAC RN

## Apesar da crise causada pela pandemia, inadimplência registra queda no País



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

Autor: Rodrigo Freire

Foto: reprodução

A crise econômica provocada pela covid-19 no País elevou o desemprego a níveis recordes e provocou o fechamento de um sem-número de empresas. Mas, ao contrário do que se poderia esperar, os níveis de inadimplência, sejam de pessoas físicas ou jurídicas, recuaram.

Segundo especialistas, esse quadro surpreendente é resultado direto do auxílio emergencial, dos programas de socorro às pequenas e microempresas e também da taxa de **juros** no piso histórico, o que permitiu um forte movimento de renegociação de dívidas por parte dos bancos. No auge da pandemia, as instituições financeiras também permitiram o adiamento dos pagamentos por 60 dias.

A grande dúvida é como o calote vai se comportar quando todos esses socorros acabarem e a **economia**

tiver de voltar a andar com as próprias pernas. O temor é que haja uma explosão da inadimplência no início do ano que vem.

'A queda da inadimplência é algo inédito', afirma o economista Luiz Rabi, da Serasa Experian, empresa que monitora a situação financeira de consumidores e empresas no País. Em julho, último dado disponível, 63,5 milhões de brasileiros estavam inadimplentes, segundo pesquisa da Serasa. São 2,5 milhões de pessoas a menos em relação a abril, quando o País parou por causa da covid-19. Também o número de empresas com dívidas em atraso recuou em julho para o menor nível do ano: 5,8 milhões. É exatamente a mesma quantidade de companhias inadimplentes registrada em julho do ano passado.

Outro termômetro do calote é a quantidade de empresas que pediram recuperação judicial. Isto é, que reconheceram a incapacidade financeira de pagar as dívidas em dia e solicitaram à Justiça condições especiais. Os dados, coletados em todos os cartórios do País, mostram que neste ano, até agosto, 868 empresas procuraram esse caminho, um número 7,3% menor que o registrado no mesmo período de 2019. Para os oito primeiros meses do ano, o número de processos em 2020 foi o menor desde 2015. Pelo ritmo atual, a perspectiva é que 2020 termine com 1,3 mil pedidos. Em 2019, sem pandemia, foram 1.387

Rabi diz que o risco de o calote voltar a subir está ligado, num primeiro momento, aos consumidores, e depois às empresas. 'Os brasileiros que perderam renda estão pendurados hoje no auxílio emergencial, que tem data e hora para acabar (no fim de dezembro)'. Se até o fim do ano o quadro for ainda ruim para o emprego, a inadimplência da pessoa física pode subir e resvalar na pessoa jurídica, que não vai receber os créditos em dia. 'A inadimplência está represada, não está extinta', alerta Rabi.

Fabio Bentes, economista-chefe da **Confederação Nacional do Comércio** de Bens, Serviços e Turismo (**CNC**), considera que os bancos estão empurrando o problema da inadimplência com a 'barriga'. Deram uma carência, por isso, o indicador não está saindo do lugar.'

Do início da crise até agosto, os bancos postergaram R\$ 110,5 bilhões em dívidas, em um total de 14,2 milhões de contratos, segundo a Federação Brasileira de Bancos (Febraban). Desse total, a maior parcela de beneficiados é de pequenas empresas e pessoas físicas, um volume de R\$ 62,2 bilhões. Neste mês, vence a primeira rodada das carências concedidas, que pode vir acompanhada de aumento da inadimplência, num cenário de desemprego elevado.

A preocupação dos bancos com risco de calote está estampada nos balanços. No segundo trimestre, Bradesco, Itaú Unibanco, Banco do Brasil e Caixa elevaram o gasto com provisões para devedores duvidosos em mais de R\$ 14 bilhões, totalizando R\$ 193,6 bilhões.

Simone Pasionotto, economista-chefe da Reag Investimentos, aposta em pico da inadimplência das famílias já no fim deste ano. Bentes, da **CNC**, lembra que o auxílio emergencial de R\$ 600 foi reduzido pela metade a partir de setembro. Ele questiona se, após o fim dessas medidas, a **economia** terá capacidade de voltar a crescer por conta própria para fazer frente à inadimplência, uma vez que o investimento não foi retomado.

A catadora de artigos para reciclagem Gisele Santos da Silva, de 34 anos, casada e mãe de duas filhas, estava inadimplente desde 2012. Na época, trabalhava como auxiliar de limpeza, foi demitida e a empresa, segundo ela, não pagou a rescisão. Resultado: ficou sem renda para quitar a fatura do cartão de crédito e a dívida, como acontece nesses casos, virou uma bola de neve.

Em agosto, com **juros** e multa, a dívida estava em cerca de R\$ 700. Mas a catadora conseguiu quitar a pendência e deixar a lista de devedores, desembolsando R\$ 143. 'Foi fácil até demais negociar

desta vez, não esperava esse desconto.'

Como catadora, Gisele tira entre R\$ 300 e R\$ 350 por semana, mas a renda é incerta. Ela está recebendo o auxílio emergencial, que até agosto era de R\$ 600 e foi reduzido à metade a partir de setembro. 'Com o auxílio, estou pagando as despesas, não sobra nada, ainda mais agora com tudo aumentando.'

Estadão Conteúdo

**Assuntos e Palavras-Chave:** ASSUNTOS DE INTERESSE - ECONOMIA, FECOMÉRCIO-RN - Confederação Nacional do Comércio